

## Silva

SILVA, orago São Julião, era uma vigararia da apresentação do Deão da Sé de Braga.

A palavra *Silva* vem do latim *Silva*, o bosque. A freguesia da Silva era conhecida antigamente por São Julião do Calendário do Neiva e São Julião do Calendário do Tamel, mas depois passou a ser conhecida por São Julião do Calendário da Silva e hoje só por Silva.

*Calendário* era a reunião dos sacerdotes de uma região, na sede de uma freguesia, a fim de tratar assuntos eclesiásticos.

A estas assembleias parciais do clero de uma região (às gerais dava-se o nome de *Sínodos Diocesanos*, na sede dos bispados) chamava-se Calendários por começarem a fazer-se no primeiro dia de cada mês.

A freguesia da *Silva* tomou este nome da grande casa que a família *Silva* aqui fundou.

Os Silvas são oriundos da Galiza e dizem-se descendentes de Eneas Sílvio, prócere romano, ainda que outros se contentem em serem apenas descendentes de D. Fruela II, rei de Leão, por seu filho, o Infante D. Ordonho, *o Cego*.

D. Guterre Paes da Silva, neto de D. Ordonho, foi o primeiro que tomou o apelido Silva e D. Guterre Alderete Paes da Silva, neto deste, que os *nobiliários* fa-

zem tronco desta família, foi o primeiro que veio para Portugal], pelos anos de 1040, fazendo assento na torre sita na freguesia de São Julião, do concelho de Valença, torre e freguesia que desde aí tomou o nome da Silva.

Esta torre ficou sendo considerada o principal solar dos Silvas de Portugal.

Um ramo desta família dos Silvas, teve também uma grande casa na freguesia de São Julião do Calendário de Tamel, do concelho de Barcelos, onde se fixou.

A casa da Silva desta freguesia pertence actualmente à Congregação do Espírito Santo, frades missionários, pelo testamento da sua última possuidora, D. Maria Antónia de Sousa da Silva Alcoforado, falecida em 1935.

O apelido Silva vulgarizou-se muito e tanto que se conta a anedota de um dos últimos reis de Portugal, ao ser-lhe apresentado pelo seu Presidente de Ministros um decreto, pelo qual era agraciado com um título nobiliárquico um ricaço que usava o pomposo nome de *António José*, ou semelhante, perguntara: — Então este não usa apelido algum? *Nem Silva?*

E arremessara para o lado o decreto, não o assinando.

É preciso amenizar o enfadonho estudo que estou fazendo e por isso desculpe o leitor a digressão.

Esta freguesia vem nas Inquirições de 1220 com a designação — «De Sancto Juliano de Calendario», de Terra de Nevía.

Nelas se diz: «quod non habet .ibi Rex nullum Regalengum. Quod Rex non habet ibi nissi quatuor calum-pnias. Quod Rex non est patronus et quod ista ecclesia habet senarias. Et habet ibi Hospitale 3 casalia, Templum 4 casalia, Aquas Sanctas 3 casalia, et ecclesia est sua, Varzea 1 casale, Manente 2 casalia».

Nas Inquirições de 1258 se diz: *in parochia Sancti Juliani de Calendário, in Judicato de Nevía*, Item, que

el Rey non est padrom desta ecclesia e que virom demandar uno casal de Varcea a Qiizo por del Rey.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia está situada ao lado direito da Linha Férrea do Minho e Douro do Porto a Valença.

Ergue-se o seu pequeno edifício no centro de um adro vedado por parede com uma única entrada fechada por cancelas de ferro.

Na sua fachada, terminada em ângulo, encimada por uma cruz e ladeada por pirâmides, abre-se uma inestética janela rectangular.

Ao lado direito e encostada à fachada eleva-se a torre para os sinos e do lado esquerdo, junto à capela--mor, foi construída a sacristia.

Dentro, a capela-mor é forrada a estuque belamente pintado e decorado com um quadro ao centro alusivo ao Sacramento, as paredes também muito bem pintadas e decoradas e o seu altar em talha singela e moderna.

A fechar a tribuna admira-se um lindo painel representando «O Bom Pastor».

O corpo da igreja é também forrado a estuque, no género do da capela-mor.

Tem ao centro pintada a imagem do padroeiro São Julião, cercada aos cantos com as dos quatro evangelistas.

Tem dois altares laterais, em talha singela pintada e doirada, e do lado do evangelho um pequeno oratório.

Tem púlpito, coro e baptistério com pia em granito.

O *Cruzeiro Paroquial*, simples e modesto, está em um pequeno Largo do outro lado da Linha Férrea.

Encostado à sua base e coluna tem um nicho de alminhas, hoje desprezado, ali enxertado em época posterior ao da erecção do cruzeiro.

A *Residência Paroquial* fica em frente à igreja, apenas separada do seu adro por um caminho.

*O Cemitério Paroquial*, construído à margem da estrada, muito distante da igreja, tem sobre o portão a data 1890.

Nesta freguesia há apenas uma capela e essa particular:

*A Capela de São Bento*, sita no jardim da solarenga casa da Silva, à qual pertencia esta capelinha para o serviço particular religioso da antiga família desta casa.

É pequenina, baixa e modesta, e a sua fachada renascença é encimada por uma sineira com seu sino, por baixo da qual ostenta um brasão de armas: escudo esquartelado com as armas Sousas e Silvas e nos contrários as mesmas.

Na verga da porta lê-se a seguinte inscrição: «ANTÓNIO DE SOVSA ALCOFORADO 1587».

Dentro, tem um único altar em bela talha renascença muito bem pintada e doirada; tecto de madeira, lindamente pintado, coro e púlpito. Ao lado direito, por uma porta, dá comunicação para a sacristia.

No pavimento tem uma sepultura rasa com tampa de pedra em que se lê a seguinte inscrição:  
«FRANCISCO DE SOVSA DA SILVA ALCOFORADO DE LENCASTRE NASCEU A 25 DE FEVEREIRO DE 1797 E FALECEV A 12 DE MAIO DE 1870».

Esta capela pertence aos actuais possuidores da Casa da Silva.

Nesta freguesia, no lugar do Calvário, existiu um calvário onde os devotos faziam a via sacra, da qual apenas existem alguns vestígios.

Há os seguintes *Nichos* ou *Alminhas*: as de Santo António, as da Pena e as do Cruzeiro.

Esta freguesia, situada em planície, no vale do Tamel, é fertilizada por um ribeiro, o qual nela é conhecido pelo nome de Fonte Calvo, que nasce na freguesia de Santa Leocádia do Tamel e vai juntar-se ao ribeiro do

Paço, formando ambos o rio Ponteio ou do Tamel, afluente do Cávado, e é servida pela Estrada n.º 6 de 2.<sup>a</sup> classe que da n.º 4 de 2.<sup>a</sup> classe, no lugar do Faial, Santa Maria de Abade do Neiva, vai a Ponte do Lima por Balugães.

É atravessada ainda, de sul a norte, pela linha Férrea do Minho e Douro, tendo ao quilómetro 54 o Apeadeiro da Silva.

As suas fontes públicas são: a de Gondomar, a de Calvos, a dos Pradinheiros, a do Vinhal, a de Moselos, a da Devesa e a da Fontainha.

Esta freguesia confronta pelo norte com a de Carapeços; pelo nascente com a de Lijó; pelo sul e poente com a de Abade do Neiva.

A sua população no século XVII era de 47 vizinhos; no século XVIII era de 60 fogos; no século XIX era de 328 habitantes e actualmente é de 530 habitantes, sendo 229 varões e 301 fêmeas, sabendo ler 113 homens e 64 mulheres, havendo pois 353 analfabetos.

Esta população está distribuída pêlos seguintes lugares habitados: Ribeira, Boucinha, Igreja, Cruzeiro, Trás o Prado, Varziela, Pena, Carreira, Devesa, Boba, Aldeia, Costinha, Gandra, Cotovia, Calvário, Corgo, Esqueiro, Mozelho, Aiufe e Carreira-Cova.

As suas casas mais importantes são: a da Silva (brasonada), a da Devesa, a dos Bernardinos —(Cruzeiro), a dos Bernardinos — (Gandra), a do Brasileiro, a da Cotovia e a da Senra.

Esta freguesia tem Escola Oficial mista que funciona em edifício próprio, dois estabelecimentos de mercearia e Caixa do Correio.

A sua indústria é apenas a da moagem em pequenos moinhos no ribeiro que atravessa esta freguesia e engenho de serrar madeira.

*Francisco de Sousa da Silva Alcoforado Rebelo*, nasceu nesta freguesia, na casa da Silva, a 24 de Outubro de 1697.

Foi senhor da Torre da Silva em Paredes, freguesia de Lordelo, bispado do Porto, Comendador da Ordem de Cristo e faleceu em Janeiro de 1727.

Escreveu — «Vida de Soror Inez de Jesus» e —«Vida e Morte de Maria Stuart».

*Francisco Filipe de Sousa da Silva Alcoforado*, inspirado poeta, da casa da Silva.

No «Guimarães Agradecido», 2.<sup>a</sup> parte, livro publicado em 1749 (1), dedicado a D. José de Bragança, arcebispo de Braga, vêm várias poesias deste poeta que pertenceu à «Academia Vimaranesa», sociedade literária florescente naquele tempo em Guimarães.

Este poeta não é o escritor a que acima nos referimos, pois aquele faleceu em 1727 e este versava em 1749.

Será, porém, filho?

É antigo o *Praço da Cotovia* nesta freguesia e há muitos anos que anda na família do seu actual possuidor, o Sn r. Miguel de Matos Graça.

Temos conhecimento que este praço pertencia no século xvn a D. Bernarda Maria da Cruz, filha de Manuel Nunes Freire e de D. Maria da Cruz, esta irmã do Tenente-coronel Manuel Nunes Freire, de Barcelos, casada com Clemente Pereira do Lago Figueiredo Leitão, senhor da Casa de Reborido, na freguesia de Midões.

Este praço entrou no século XIX na posse da família Pais de Vilas Boas pelo casamento de D. Teresa Joaquina Pereira do Lago, senhora do praço, com Joaquim António Pais de Vilas Boas e nela continua no presente.

(1) A 1.<sup>a</sup> parte fora publicada em 1747